

***GEOGRAFIA DOS DIÁLOGOS POSSÍVEIS NA REALIDADE
VIVIDA***

***GEOGRAPHY OF THE POSSIBLE DIALOGUES IN THE LIVING
REALITY***

***GEOGRAFÍA DE LOS DIÁLOGOS POSIBLES EN LA REALIDAD
VIVIDA***

Silvio Simione da Silva

Doutor em Geografia pela FCT/UNESP
Prof. Adjunto do Departamento de Geografia da UFAC
E-mail: ssimione@gmail.com

Resumo

Este artigo, foi elaborado a partir de uma exposição numa mesa redonda, pode ser considerado como uma provocação para pensarmos o papel da Geografia, enquanto uma ciência capaz de servir para desmascarar a realidade, mas também ocultar certas máscaras. Neste sentido, partindo da realidade vivida no estado do Acre, vemos a concepção de diálogos possíveis que travamos e também as questões que envia este dialogo, possibilitando o surgimento de práticas alienantes. Daí apontarmos à possibilidade de uma práxis científica capaz de colocar a Geografia como uma ciência de denúncia e de propostas realizáveis.

Palavras Chaves: Geografia. Tempo - Espaço. Cultura - Produção. Diálogos. Alienação. Libertação.

Abstract

This article, from an exposition in a round table can be considered as a provocation to think the role of the geography, as a science able to serve to dismask the reality, but also to hide certain masks. In this sense, coming from a living reality in the state Acre, we see a conception of possible dialogues that slant this dialogue, possibiliting the origin of alienating practises. From this we point the possibility of a scientific praxis as a science of denunciation and of the realizable purposes.

Key Words: Geography. Time. Space. Culture. Productions. Dialogues. Alienation. Libetration.

Resumen

Este artículo, fue elaborado a partir de una exposición en una mesa redonda y puede ser considerado como una provocación para que podamos pensar el papel de la Geografía, como una ciencia capaz de servir para desenmascarar la realidad, pero también, puede servir para ocultar ciertos disfraces. En éste sentido, partiendo de la realidad vivida en el Estado de Acre, observamos la concepción de diálogos posibles que entablamos y también los temas que dificultan ese diálogo, posibilitando el surgimiento de prácticas alienantes. Es así, que aportamos para la posibilidad de una praxis científica que sea capaz de colocar a la Geografía como una ciencia de denuncia y de propuestas realizables.

Palabras Clave: Tiempo. Cultura – Producción. Diálogos. Alienación. Liberación

Introdução

Este trabalho surgiu a partir de uma participação numa mesa redonda em um evento local, onde tive a oportunidade de aceitar uma provocação para pensar o papel da Geografia perante a realidade vivida. Assim, partimos do pressuposto básico de que a Geografia quanto sua capacidade científica de vínculo com nosso cotidiano, pode servir para desmascarar a realidade, mas também ocultar certas máscaras. Para esta reflexão, considerado os procedimentos de pesquisas em fontes bibliográficas e documentais, tomei quatro conceitos fundamentais - **espaço, tempo, cultura e produção** – para pensar as possíveis formas de compreensão de uma práxis geográfica libertadora. Então, se situando na realidade amazônica, mais especificamente do no vivido acreano, busquei apresentar reflexões que possam formar a concepção dos “diálogos possíveis” que nós travamos para fazer o conhecimento de algo, mas também das questões que enviesa este dialogo, posibilitando o surgimento de práticas alienantes.

É daí aponto para a possibilidade de uma práxis científica capaz de colocar a Geografia como uma ciência de denúncia e de propostas realizáveis. Isto numa para fuga constante das práticas alienantes que vem enviesada nos conteúdos socioespaciais que as vezes absorvemos.

Sãos com estes pontos que pretendemos adentrar a um breve, mas pertinente reflexão teórica neste texto. Mas agora vamos então a reflexão.

Geografia – *Geo* = terra; *Grafia* = escrita. Terra escrita, terra descrita conhecimento do lugar que se vive e para que se vive. Mas se escrevemos a terra, é por

que nela se vivemos. Na verdade, o nosso viver é uma forma de produzir *grafias* na Terra – o planeta em que vivemos – o nosso lugar no sistema solar.

Então para começar o “diálogo possível” temos de fazê-lo situa-se no espaço do qual falamos: falamos de um lugar; em dadas condições temporais; perante conjunto de formas de ver esta realidade. Assim, falo das *grafias* possíveis, mas me localizando numa realidade vivido da Amazônia Brasileira, nosso lugar no Planeta que vivemos.

Neste sentido, vejo a possibilidade de um diálogo em que buscamos ver as formas, processos e acontecimentos para interagirmos naquele espaço que nos é mais próximo – o espaço cognoscível por nossas práticas cotidianas – este aí é o nosso lugar. O lugar, em suas realização temporal, expressa as condições históricas em que as *grafias* são postas para realidade vivida. Portanto, do lugar e dos lugares, nossa apreensão se faz a partir do vivido, percebido, e do pode ser por isto concebido na formação real do que podemos chamar de espaço representacional desde as escalas mais próximas e menores, até as mais distantes concebíveis.

Portanto, o lugar, é o *locus* de nossas práticas espaciais cotidianas que produzem o espaço – assim, produzir espaço nos leva a apreensão da expressão fenomênica da sua (do espaço) transmutação conceptual para território. O território como manifestações de relações diversas no seu processo produtivo, se mostra apreensível pelas ações e interações possíveis em nossa de trajetórias em cada momento de nossa temporalidade vivida do modo que dominamos o espaço. Nos caminhos percorridos pelas *grafias* encontradas, revelam-se costumes e práticas sociais, como forças que modificam e agem sobre nós, ora submetidas aos processo majoritários que produzem a realidade, ora influenciando-os e mudando trajetórias – ao costumes, tradições, religiosidades, não se isenta da influências das força hegemônicas que regem a realidade em sua totalidade.

Mas então quais as *grafias* possíveis para compreender mais os diálogos possíveis na Geografia que fazemos?

As *grafias* que a geografia nos torna possível

Parece-me que partir da compreensão de que a Geografia, como uma ciência que trabalha nas dimensões espaciais em que se dão os processos sociais de apropriação da natureza, já nos abre condições para iniciar um diálogo. O século XXI se inicia com a possibilidade histórica da Amazônia e suas gentes começarem a encarar desafios de

uma auto-afirmação no contexto nacional e internacional. A Amazônia como dimensão espacial é apresentada como grande reservatório de recursos em que se vêem a sua biodiversidade natural, embora pouco se pensa na possibilidade de um diálogo entre esta, e a diversidade de suas gentes, enfim de seus povos. Nisto a Geografia é palco de realização, mas também é arquibancada de observação. Todavia, como não se trata de um teatro, mas sim da realidade; aqui pode estar o *locus* fundamental para os diálogos possíveis.

Mas que diálogos podem ser possíveis? Penso que os diálogos da construção de uma nova realidade, que em parte já está começada, em outra pode ficar atravancada aos desígnios de vaidades políticas e acadêmicas. Este atravancamento ocorre quando a crítica sadia é confundida com mesquinha de partes destas elites enciumadas e tornam alguns dos diálogos sérios impossíveis. Mas aqui quero pensar nos diálogos possíveis, para depois refletir porquê há aqueles que tornam impossíveis.

Talvez nisto posso pensar nos diálogos capazes de serem travados a partir de uma visão inter-relacional da questão proposta. Vejo isto a partir de quatro conceitos fundamentais: **espaço, tempo, cultura e produção**, na discussão geográfica da realidade como aqui propomos.

Falando da noção de espaço, quero aqui lembrar de uma fala feita por Chico Mendes à Revista Terra livre, onde tratava de suas ações no âmbito da luta e da sua identificação como seringueiro. Dizia ele:

Quero dizer a vocês que sou um seringueiro, tenho uma participação direta na selva, na floresta amazônica, mas se hoje não estou ligado à produção extrativista, é porque não tenho mais condições, chegou o momento em que tive que sair fora, para dar apoio a minha categoria. Trabalho diretamente junto com os povos da floresta que são os índios e os seringueiros. É um trabalho que venho realizando há quinze anos aproximadamente. Comecei com nove anos de idade como produtor extrativista dentro de uma realidade diferente da que nós vivemos hoje (MENDES, 1990).

Nisto há diálogos de uma Geografia que perpassam a sua condição de “ser social” – como seringueiro; na sua localização geográfica – a floresta Amazônica; na sua ação social – o trabalho extrativista; na consciência coletiva – quando chega o momento que teve de sair para dar apoio a sua “categoria”; na convicção e no

reconhecimento das especificidades que ganham como “povos da floresta”; na necessidade da luta que agora se manifestava num mais severo embate de classe.

Vemos então uma realidade que o diálogo se manifestou na dimensão do que é vivido, percebido, vivenciado naquilo que se pode falar de uma geografia vivida e produtora de espaços e significados. Neste sentido, tratamos de um “espaço de vida, de tal modo que se possa dizer que viver, no presente, é continuamente estar a abrir espaço”, com frisou o saudoso Prof. Armando Correia da Silva (1990, p. 61). Mas há uma imbricação deste espaço produzido quando o seringueiro e sindicalista referido falava de uma identidade social e regional na Floresta Amazônica. Isto, pois o arranjo espacial geográfico feito seria aquilo que como explicou o Moreira (1988, p. 38) é “a expressão fenomênica do ‘modo de socialização’ da natureza e dos termos de sua configuração em formação econômico-social”.

Ora! Isto se mostra aí como um processo que se apresenta durante uma vida. Vida em que a conquista e produção do espaço é expressão também fenomênica desta relação espacial e temporal posta na discurso.

Então, desta relação não significa que da objetividade as condições de existência das coisas sejam apenas unidimensional. Penso que podemos compreender que a convivência expressa por Chico Mendes, permite-nos ver que o espaço aí aparece como forma de ser concretamente da realidade que se materializa. Sendo, portanto, condição básica para a coexistência dos fenômenos e dos processos em movimento. Já o tempo aí presente é a condição qualificante que permite as mudanças que sucedem dialeticamente na realidade vivida. Então nele estará presente não só a lei geral da mudança, mas também da permanência das coisas. Daí, no tempo e no espaço, a realidade apresentada aparece unida pelos momentos da “mutabilidade e da estabilidade”. Será nesta união que, contraditoriamente, a dimensão temporal no espaço ficará apresentada na realidade vivida (OLIVEIRA, 1988).

Vemos também a possibilidade como noção de compreensão desta realidade, sobretudo pela dimensão social do Homem que ao produzir espaços, os produzem no sentido de sua dimensão criadora e possibilitada. Então, sou tentado concordar com Lefebvre (1999, p. 146) de que “o espaço é criação”. Por isto “quem cria espaço cria o que o preenche. O lugar suscita a coisa e o lugar certo para a coisa certa”. Esta condição do lugar se apresentar como constructo, ainda que recriado no “território usado”

(SANTOS, 2000) pelo seringueiro, se apresenta prenhe deste sentido da relação espaço/tempo no âmbito de sua produção.

Vejamos isto num diálogo com a Geografia Viva do Sr. Otávio Nogueira. Também um seringueiro de Brasília que em 1998 nos contava sobre a realidade vivenciada no âmbito das transformações na produção e recriação de seu espaço vivencial pós 1970:

Nós vivia de tudo que a natureza oferecia, borracha, castanha, couro silvestre de onça, gato rajado, lontra, enfim a gente sentia bem no conforto da mata porque tinha muito. Quando os homens chegaram aqui, os primeiros compradores de terra em 1970, ocorreu tipo de choque nos seringueiros, porque naqueles tempos não tinha projeto de colonização, era só seringais. Havia agricultura sim, porque todo o seringueiro plantava e tem de tudo, mas não era projeto. Então eles chegaram com os documentos nas mãos, um mapa, a escritura da área que havia comprado que era os seringais que, no nosso caso era o seringal Santa Quitéria, dizendo que nós tinha que desocupar a área, que a terra era deles e iam fazer fazenda naquilo ali. A gente só conhecia fazenda aqui na Amazônia, como as roupas que vestia e pensava que era roupa, roupa de algodão. Aí foi que nós interpretamos e eu disse: Mas senhor, isto aqui é meu. Eles responderam: – então cadê seus documentos? Me apresente para provar que é. Aí alguns de nós, como eu disse para eles: eu não tenho documento feito em cartório não senhor, mas tenho um documento aqui que é a minha pessoa e a minha família que está aqui desde a hora que chegemos a tempos e, tou aqui sabendo que isto é meu e senão é a terra, é a benfeitoria, a casa, o plantio, os bichins, o que tem é meu. Fora a terra o que tem é os bichos do mato, sobrevivência que Deus deixou para nós sobreviver (SILVA, 2002).

Os diálogos aí se fazem presente pelo sentido do uso da terra como espaço vivido e, no sentido na labuta cotidiana travada. Então, vemos isto numa realidade em que o tempo pretérito (re) visita o presente para justificar, inclusive a possibilidade das mudanças e também das permanências¹. É nesta situação que veremos (re) nascer o sentido da resistência de um sujeito social, que internalizado na floresta coloca sua família, sua produção imediata, seu espaço de vivência, seus utensílios, a natureza que convive e seus sentimentos para com a terra florestal, como condição legitimadora de seu direito moral, social e culturalmente sobre seu território vivencial – a colocação. Nisto congrega-se, então a condição de vermos sim um processo recriação, formação e identificação de uma classe camponesa na floresta. Classe esta, por estar inserida em

¹ - Isto, estamos vendo conforme Andrade (1994, p.21) que o “tempo não é um simples sucessão linear dividida entre passado, presente e futuro”. Visto que as instituições e as “relações existentes no passado permanecem e atuam no presente e se projetam no futuro. Assim a um só tempo a sociedade e a natureza vivem no presente também o passado, através dos resquícios outrora dominantes, e as projeções no futuro”. Assim, sendo num momento histórico especificado podemos apreender que a sociedade e a “natureza ainda não se libertaram do que foi e já estão sendo preparadas para o que será”.

processos próprios da produção do espaço que inclui, porém não se resume em modos de vida.

A realidade é que aí o espaço conjuga sinteticamente “o conteúdo social e as formas espaciais” em temporalidades diversas de sujeitos diversos, naquilo que poderíamos dizer “entre sociedade e espaço, entre um presente localizado, que também é passado objetivado nas formas sociais e nas formas geográficas encontradas” (SANTOS, 2002, p. 109).

Quando refiro a condição social deste sujeito faço convicto de que aí se expressa mais que a condição do Homem “pai de família”, “trabalhador em si”, mas de uma raiz sociocultural que o prende na terra. Vejo então este como um sujeito social, mas também cultural. Sendo que esta cultura² não é uma manifestação individual tanto no sujeito como no processo que a produz. Por isto somos construtores de cultura, mas ao construí-la também nos auto-construímos nela e por ela.

Então vemos diálogos possíveis do território usado, vivenciado com a expressão cultural presente na resistência e nas mudanças esperadas – esta foi uma mensagem deixada pelo Sr. Otávio Nogueira.

Ademais, nisto vimos sentido de uma cultura popular que conforme Milton Santos (2002, p 327) “tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade”. Isto, claramente não negando a possibilidade de mudanças, mas requerendo o respeito a sua condição de *ser* e *estar* no espaço e no tempo, sob relações profundas estabelecidas entre ele (o sujeito) e o ambiente vivido que o projeta do local para um alcance mundial. Nisto, o Acre com suas gentes, suas lutas, com suas riquezas naturais, suas condições políticas de desenvolvimento como faces amazônicas têm conseguido dialogar com o mundo, apesar de às vezes não conseguir um pleno diálogo consigo mesmo.

² - Sendo necessário uma menção sobre o que é cultura para esta análise geográfica, considerando as ressalvas que fizemos quanto ao caráter não individualizado de sua manifestação, penso que podemos tratá-la com base na definição de Claval (2001, p.63) como: “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados, onde seus deuses se manifestaram [...]. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se também, sob efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio.

Então volto a me questionar que diálogos são possíveis? Vejo que estes se dão como condição da produção de uma Geografia vivida no tempo no espaço. Isto pode ser apreendido, nas permanência e mudanças, nas manifestações de sujeitos que como o seringueiro e “geógrafo” Francisco de Assis (SILVA, 2002) de Xapuri nos explicava, ao falar sobre o seu modo de ver a produção do espaço geográfico por ele vivenciado:

Existe um sentimento forte por parte do seringueiro quando ele vê alguém cortando a árvore da seringueira na qual ele é acostumado ir lá e tirar o “pão de cada dia”. Vê-la sendo destruída, cortada, dói muito! Nós, seringueiros mesmo não temos coragem de cortar a seringueira. Com relação a castanheira para nós, é muito difícil ver aquela árvore que eu podia coletar todo ano de oito a dez latas de castanha e ganhar dinheiro e agora ter coragem de derrubá-la. É este um sentimento muito forte do homem principalmente com estas árvores que no momento temos que reconhecer o valor e diante disso: além de perder a terra mesmo, era um fato forte ver “os caras” cortando e derrubando a seringueira, a castanheira. Uma outra questão é com relação a caça, que quando faz grande derrubada expulsava os porquinhos e os veados! Ao tocar fogo matava aqueles animais que, praticamente o pessoal convivía com eles e dali tirava também seu sustento; uma questão, por exemplo, é o jabuti que fica lá, não tem proteção e era queimado. Então isso, o seringueiro tem todo um sentimento com relação a esta questão dos animais também. De certo ponto de vista, embora ele não tivesse “essa coisa de ser ecologista ou nem conhecia essa palavra ecologia”, mas ele tinha um certo respeito com relação a natureza, porque ele vivia aquilo, a vida dele dependia dessas coisas que estavam aí, da mata, da castanheira, da seringueira. Então era toda essa relação de dependência mesmo para com a questão da mata. Aí que eu vejo o fato de nós seringueiros, na verdade, embora não entendesse o que era “ecologia”, nem de impacto ambiental e não sei o que mais, mas nós tínhamos toda uma preocupação. Já e quando acontece este choque maior do seringueiro, do fazendeiro derrubando tudo, expulsando, inclusive o homem da floresta, igual se expulsava os outros animais, ele sente bastante preocupado e é nesse momento que começa a organização [...].

Então na Geografia vivida por estes sujeitos, na luta, há diálogos possíveis; embora, nem sempre, estes se forjam pelos embates diretos da luta de classes. Seu espaço não é diferente do espaço daqueles seres com quem divide. Daí esta geografia vivida enxerga a totalidade em sua expressão espaço/temporal. Aqui, estes diálogos também serão expressões de sentimentos vivenciados.

Hoje vemos muitos falar destes diálogos da luta no Acre. Temos visto novas edificações terem frutificado em grandes vitórias políticas e sociais, mas também em perdas significantes. Como não são diálogos neutros, temos de nos atentar para apreender os diálogos possíveis que aí se travam nos *prós* e nos *contras* colocado no momento histórico vivido na realidade acreana experimentada. Digo

isto, porque acredito que a realidade no seu *ser* material e também imaterial, não está feita apenas de erros ou de acertos. Entre um e outros há, na verdade, campos de possibilidades: campos de libertação e campos de alienações. A alienação nos impede de vermos os dois pontos no âmbito geral.

Daí, admito que pensar na produção de espaço e no desvendamento desta, processualmente, nos levaria a ver como estas questões que se fazem presente no dia-a-dia das gentes locais, como condições alienantes e que produzem verdadeiras cegueiras dos processos. Isto, pois há condições impostas pelos poderes instituintes que se definem por uma lógica impositora de domínio ideológico estranho e às condições receptoras localizadas.

Vejo, assim, pois, pensar na Geografia e Amazônia, sob a ótica dos diálogos para o século XXI, me remete a ver a ciência geográfica engajada na construção e transformação realidade.

Acho que aqui caberia compreender uma reflexão posta por Henri Lefebvre (1999, p.38), sobre estes campos de embates, na apreensão dos diálogos possíveis que, às vezes, podem nos levar as práticas impossíveis. Explica o referido estudioso que, “entre os campos, que não são aprazíveis, mas campos de forças e de conflitos, existem campos cegos. Não somente obscuros, mal explorados, mas cegos no sentido em que há, na retina, um ponto cego, centro de visão e, contudo, sua negação”. Nisto, há a geração de espaços de não-diálogos apesar das palavras pronunciadas, das propagandas colocadas, das discordâncias manifestadas e até de importantes obras feitas, em que por trás de suas significâncias escondem forças impositoras, ora mais ou menos conhecidas, ora totalmente desconhecidas da sociedade receptora no espaço produzido. Continuando, então, salienta o filósofo referido que os “campos cegos instalam-se na representação”. Nele, “o cegante (os conhecimentos que se adotam dogmáticamente) e o cegado (o desconhecido) são complementares da cegueira”.

Na realidade o campo de alienação por mim referido, visto como “campos cegos” atuam sob imposição de campos cegantes aos cegados no âmbito dos embates que processualmente produzem espaços. Isto, pois “o cegante é a fonte luminosa entre (conhecimento e/ou ideologia) o que projeta o fecho de luz, que ilumina o

alhores. O cegado é o olhar ofuscado; é também a zona deixada na sombra. De um lado uma via se abre a exploração; de outro, há uma barreira a romper, uma sanção a transgredir” (LEFEBVRE, 1999, p. 40). O campo cegante é mais aceito, pois nele há também a possível visão de esperança, como força alienadora de discurso que promove a cegueira, por exemplo; ao cegado quando se dá conta da situação, verá esta esperança transformar em angustia. Então haverá possibilidades de frustração, mas também de lutas.

Mas como poderá atuar o geógrafo, o cidadão comum diante de forças que impõem tais campos? Vejamos, espaço, tempo cultura e produção estão na base da formação do que podemos ver nestes campos de cegueira, mas também da construção de campos de luminosidades (das lutas, da organização social, da tomada de consciência da sociedade etc.). Então, somente haverá diálogos se construirmos no processo da apreensão do espaço, uma Geografia feita por práxis desvendadora desta realidade em cada parte deste rincão amazônico, ou mesmo de onde estivermos fazendo-a. Mas isto não seria tarefa apenas do Geógrafo, e sim de todos os estudiosos que se propõem a compreensão do espaço humano para além da parafernália posta por um mundo de difusão tecnológica e mercantil que impede a muitos até mesmo de ver a que e a quem estas servirão. Quando não se rompe com esta barreira, a cegueira bate como imagens uma ideologia produtivista, utilitarista e imediatista, sem qualquer crítica e as trevas nos impedem ver a realidade como é.

Mudanças de grafias são necessárias; mas que estas seja descritas a partir de práticas de rompimentos, inclusive comportamentais, pode ser o começo para um novo dialogo possível da *Geo - Grafia*.

Uma conclusão para romper as trevas

Por fim, que isto nos sirva para refletirmos sobre alguns diálogos nas nossas práticas de estudiosos, mas também no nosso dia-a-dia de cidadãos. Espero que este diálogo tenha sido possível com os leitores. Mas para concluir tenho de mencionar algumas palavras que vejo necessário a esta “Geografia dos Diálogos Possíveis”, aqui da realidade acreana. Realidade esta que é o lugar onde me situo no espaço para a apreensão do vivido; como nem tudo é acerto e desacerto, devo falar um diálogo que se expressa por *grafias* de denúncias, renúncias, e anúncios:

- Se tenho uma noção clara da relação que produz este espaço, então vejo certos descompassos; pois entre discursos e praticas campos cegos se manifestam.
- Se tenho a certeza que aí há um tempo a ser considerado, preciso vê-lo dentro de sua efemeridade; pois a vida, em si, é efêmera.
- Se provenho de uma cultura que me empurra para expressar o que vivemos e sentimos, então vejo na Geografia também possibilidade de luta pela liberdade.

Assim, penso que ainda é possível produzir diálogos; produzo-os também nas idéias e proposta colocadas a serem realizadas. Afinal se vocês me ouvem, lêem e compreendem, então podemos dialogar. Esta também é uma “Geografia possível”: a Geografia da proposição, da denúncia, da renuncia, mas nunca da covardia.

Concluo dizendo que senão houver diálogos nesta (s) nossa Geografia (s) daqui da Academia, certamente, os rios assoreados e poluídos, as árvores de derrubadas, os solos castigados, os pássaros assustados e os homens e mulheres empobrecidos nas cidades, nos campos e nas florestas, um dia falarão por nós e pelo nosso silêncio. Por isto precisamos mais dialogar.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Manoel Correia de. A geografia e a sociedade. In: SOUZA, Maria Adélia et al. **O novo mapa do mundo - natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica**. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1994. p.18-28

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

GEORGE, Pierre. A Geografia no encaço da história. In: SOUZA, Maria Adélia et al. **O novo mapa do mundo - natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica**. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1994. p.15-17.

LACOSTE, Ives. **A Geografia** – isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1988. 263p

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 178p.

MENDES, Chico. A luta dos povos da floresta. **Terra Livre – Geografia: pesquisa e prática social**, São Paulo: AGB, 1990. n.7. p.9-21.

MOREIRA, Rui. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (org.). **Novos rumos da Geografia Brasileira**. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1988. p. 35-49.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Espaço e tempo: compreensão materialista e dialética. In: SANTOS, Milton (org.). **Novos rumos da Geografia Brasileira**. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1988. p. 66 a 110.

SANTOS, Milton. A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002. 381p.

SILVA, Armando Corrêa da. Ponto de vista – o pós-marxismo e o espaço cotidiano. **Terra Livre – Geografia: pesquisa e prática social**, São Paulo: AGB, 1990. n.7. p.59-62.

SILVA, Silvio Simione da. Nos varadouros da vida: análises da formação, expropriação e resistência dos trabalhadores seringueiros acreanos a partir da expressão de suas oralidades. **Revista Formação – Leituras do rural e do urbano**. Presidente Prudente, Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, n.9, v.2, 2002. p.55-94.